

O VIÉS CIENTÍFICO E EPISTEMOLÓGICO DE WILHELM REICH: PSICANÁLISE, TEORIA DOS CAMPOS E NÃO-LOCALIDADE

Nicolau Maluf Jr.

Doutorando HCTE/UFRJ

nicolaumalufjr@gmail.com

Ricardo Silva Kubrusly

Orientador HCTE/UFRJ

riskuby@gmail.com

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios do pensamento ocidental, está presente o dilema constituído pelo idealismo e materialismo, atomismo e continuum; corpo e “alma” e as sequentes concepções que visavam algum tipo de acordo ou resolução deste problema.

A descoberta do inconsciente (freudiano e Junguiano) trouxe a possibilidade de mais uma vez examinar essa questão, (o ser dividido) em especial através da concepção das doenças psicossomáticas, onde um conteúdo mental, emocional e psicológico, influenciaria (ou corresponderia) diretamente às condições do soma. Mas a psicanálise, enquanto disciplina, isolou-se em território próprio, tornando difícil o diálogo com outras disciplinas, principalmente nas ciências naturais. Contemporaneamente, este isolamento tem sofrido tentativas de superação (neurociências, neuro psicanálise), mas, infelizmente estas tentativas tem dado origem, aparentemente, a um mero reducionismo da psicanálise a algum ramo “duro” das ciências, nem de longe utilizando proveitosamente, para benefício epistemológico geral, nenhum dos conteúdos intrigantes e polêmicos da mesma psicanálise, de forma que esta pudesse acrescentar, produzindo inovações ou modificações em algum ramo das ciências, que não aquele a qual ela mesma seria pertinente, enquanto saber validado.

Foi através da radicalidade conceitual e experimental de um psicanalista, W. Reich, que ocorreu um transbordamento das fronteiras conceituais entre os campos da psicologia, física e biologia. Apesar de estigmatizado como pseudo-cientista, suas pesquisas e postulações nunca prescindiram de rigorosos protocolos científicos.

Wilhelm Reich é mais conhecido pela sua postulação da corporeidade como elemento fundamental do psiquismo e da vida emocional, não só da sua formação (psiquismo) mas do seu funcionamento. Produziu um viés dialógico, ou dialético (funcional orgonômico, na conceituação reichiana) onde mais do que um paralelismo entre soma e psiquê, encontra-se uma oposição complementar, como lógica regente dos processos da vida emocional. Menos conhecida, ou então vista como chiste e para não ser levada a sério, dado o aspecto extremamente revolucionário e perturbador de suas conclusões, é a sua contribuição aos campos da biologia e da física, e a interligação possível entre todos estes domínios. Essa interligação, por sua vez, e a própria lógica de pensamento posteriormente formalizada, surge das questões pragmáticas e clínicas que a ele se apresentaram desde o início, quando ainda era um psicanalista praticante à voltas com o sofrimento emocional de seus pacientes, e que levaram-no a extrapolar o campo conceitual pertinente a sua prática.. Assim como Freud e Jung, Reich teve a oportunidade — ou sentiu necessidade — de transpor as barreiras que delimitavam o campo conceitual do lugar de origem de suas teorias, a psicanálise (psicologia): Freud, com a postulação mais do que polêmica de pulsão de morte, como tendência da matéria orgânica a retornar a um estado inorgânico; Jung, com a teoria dos arquétipos e uma definição de psique que transborda o sentido usual de mental; Reich, alocando numa dimensão cósmica e energética os processos e dinâmicas que também se dão na condição específica da vida emocional. De várias formas a física apresentou-se como um referencial para estes pesquisadores.

Ela [a libido] permite medir os processos e as transformações no domínio da excitação sexual... A sua produção, o seu aumento e sua diminuição, a sua repartição e o seu deslocamento deveriam fornecer-nos meios de explicar os fenômenos psicosexuais.
Freud, 1905, p. 1.221.

Claro, pode-se dizer que especulações filosóficas ou metafísicas podem ser interessantes, mas não válidas, quando se trata do conhecimento científico. A *libido* freudiana, por ex, passou a ser considerada um mero “construto”. No caso de Reich, e no referente aos seus trabalhos e teorizações, uma multiplicidade de protocolos científicos foram produzidos e publicados, fundamentando suas idéias.

A citação freudiana acima dá ensejo à exposição do referencial predominante nas pesquisas reichianas: um referencial energético, que demonstrou ter propriedades passíveis de demonstração e mensuração, e também uma condição dialógica (é “força” mas também forma). Atuante não só nos processos emocionais mas igualmente em outras esferas da realidade.

Ao longo da transformação dos modos de trabalho, em sua prática clínica, Reich primeiro percebe que este produz fortes experiências emocionais, depois, marcantes reações neurovegetativas. É

comum pacientes narrarem a existência de sensações alternantes de frio e de calor, arrepios, sensações de “corrente” e surgem também clonismos musculares involuntários em partes do corpo, coisa que para alguns é muito assustadora. Esses clonismos tendem a um desenvolvimento que toma todo o corpo, numa expressão unitária que Reich denominou, pela obviedade do mesmo, reflexo orgástico. Aí estava a prova, concluiu Reich, da realidade da relação entre neurose e sexualidade, postulada por Freud. E a capacidade orgástica passa a ser um parâmetro na clínica dos distúrbios emocionais.

Essa condição, a capacidade orgástica, não define, por sua vez unicamente uma capacidade fisiológica, ela implica também uma forma de experiência emocional. Se é verdade que esta capacidade surge somente do desbloqueio das tensões musculares crônicas, cuja existência impede a experiência da entrega, este mesmo desbloqueio demanda uma intervenção nas dinâmicas psíquicas da neurose. O conflito psíquico, uma vez instaurado, determina uma alteração na fisiologia da vida emocional- sexual, produzindo um circuito retro-alimentado. Assim, quanto menos neurótico, maior a capacidade de dar livre curso às excitações corporais, e também maior é a capacidade de amar. Amar física e emocionalmente.

O LEGADO MÉDICO E CIENTÍFICO DE REICH: AS PESQUISAS SOBRE O CÂNCER, E O ACUMULADOR DE ORGONE

Os gregos entendiam que o universo era compreensível por ter uma estrutura, uma simetria. A “mente de deus” seria geométrica, matemática. A idéia de estrutura permanece na perspectiva de que as leis físicas são igualmente válidas aqui ou na Europa, no planeta terra como nas distâncias cósmicas. Os grandes pensadores, seja na física ou na filosofia, sempre ergueram o seu olhar para o horizonte, tentando definir a composição e a origem das coisas, o “tecido” do universo.

Em suas pesquisas e teorizações, enquanto clínico, Reich sempre considerou a possibilidade da libido ter realidade física, material, não ser apenas um construto. Seu acesso ao reflexo orgástico e a modificação da condição neurótica levaram-no a tentar examinar experimentalmente (cientificamente) essa questão, e os resultados obtidos trouxeram indícios sólidos. Definiu então uma fórmula em tempos, tensão - carga - descarga - relaxamento, e imaginou se esta síntese não teria viabilidade mais ampla, como uma fórmula da vida.

O primeiro terço do século XX repercutia ainda um debate científico do século anterior, sobre a abiogênese, ou geração espontânea da vida. Hoje acredita-se que uma célula decorre necessariamente de outra célula (omnis célula e célula – Virchow).

Num experimento em biologia, retomando a questão da abiogênese (Reich estava familiarizado com os estudos de Pouchet), aplicou as mesmas premissas da fórmula em 4 tempos ao material em exame, chegando a resultados surpreendentes, que o levaram a concluir que a célula cancerosa origina-se da degradação do tecido vivo, sob certas condições. Reich percebeu uma relação entre o surgimento do câncer e condições emocionais, estas tendo influência direta na circulação energética e oxigenação

do organismo. Embora existam protocolos científicos e microfilmagens atestando essas conclusões, suas considerações foram recebidas com desprezo e ridicularização, mesmo quando animais de laboratório, e posteriormente, voluntários portadores de tumores dos mais diversos tipos, obtiveram resultados mais que positivos com o instrumental desenvolvido com finalidade clínica sobre essa condição, a do câncer.

O principal instrumento foi o acumulador de orgone, desenvolvido a partir da observação da existência de uma radiação produzida pelos compostos sob exame ao microscópio. Esta radiação pode ser posteriormente diferenciada de outras formas de energia, como eletromagnetismo, por ex. Hemácias, ou células sanguíneas saudáveis tem turgor e um campo azulado visível, íntegro, e demoram mais tempo para degradar do que células advindas de organismos adoentados. Essa noção propiciou o desenvolvimento de um teste de sangue simples, facilmente aplicável a partir de uma pequena amostra de sangue. O acumulador foi inicialmente produzido na forma de uma estrutura de madeira e metal, onde o paciente ingressa. Lá, o organismo absorve orgone (como detectado por exames de sangue que se modificam com passar do tempo), e o uso do acumulador traz comprovados benefícios para a saúde em geral. Posteriormente, o acumulador de orgone deu origem a um outro aparato, o cloudbuster, utilizado em pesquisas sobre modificação atmosférica. Isso só foi possível por que a energia orgone, mais do que uma bioenergia, mostrou-se uma forma ubíqua de energia, cósmica. Mas o que se pretende destacar aqui é a *continuidade* entre diferentes domínios, e como extrair conceitos comuns a todos eles.

FÍSICA, PSICANÁLISE, LOCALIDADE E NÃO-LOCALIDADE

Mas o que dizer da complementaridade dos opostos¹, o que dizer da idéia de um “estado subjacente, vinculando de alguma forma todos os fenômenos?

Wolfgang Pauli, Nobel de física em 1945, postulou (juntamente com Niels Bohr) que a complementaridade era uma noção indispensável, que a mesma era uma espécie de generalização mais abrangente da noção de causalidade (PAULI, 1994, p. 131). Pauli teve uma longa e profícua relação com Jung, foi o responsável pela demanda de definições mais rigorosas de conceitos junguianos, muito diferente da melancólica experiência de Reich com Einstein².

Agora, retomando a questão da dinâmica subjacente aos fenômenos, há o Teorema de Bell, dos anos 1960, e os experimentos levados a cabo nos anos 1980 na mecânica quântica. Essa abordagem retoma uma das interpretações possíveis da mecânica quântica: a do físico David Bohm, que nunca teve aceitação semelhante à da interpretação de Copenhague. O elemento que ganha destaque nesses experimentos, que inclusive se desenvolve num espaço macro, é a não-localidade — a localidade consistiria na noção de que, num sistema de duas partículas que interagem e se separam, a medição do estado em uma não deve interferir no que for verificado na outra. Nesses experimentos, o que se verifica é que fótons emitidos por uma única fonte interagem "instantaneamente" assim que um deles é mensurado. Há uma espécie de relativização da dimensão espaço-temporal.

Essa relativização, essa “causalidade especial”, foi também objeto de interesse e teorizações por

parte da Pauli e Jung, nos fenômenos onde dava-se o que foi definido como sincronicidade. Claro, não se pretende postular que a sincronicidade, ou outros eventos semelhantes sejam de natureza quântica, mas sim apresentar dados que sugerem fortemente a existência de um “estado subjacente” num evento onde elementos sofrem influência concomitante, mesmo estado espacialmente não conectados. No caso da sincronicidade o fator central atuante parece ser de ordem afetiva.

Pauli desenvolveu uma visão de mundo unificado, onde o “intervalo” entre mundo psicológico e mundo físico, é suspenso. Quanto mais fosse possível alcançar a estrutura intrínseca das coisas, mais as diferenças percebidas num plano macro seriam suspensas. Mas Pauli não procurava um modelo reducionista, onde tudo fosse resumido à uma já existente perspectiva, como a física ou a lógica. Ele procurou, na verdade, uma totalmente nova abordagem científica, que não deixasse de lado o caráter único de cada ciência individual, mas que tentasse encontrar *denominadores comuns* – em um plano mais profundo das coisas. O parâmetro utilizado continha a crença na existência de elementos estruturantes universais, que se revelariam em todas as áreas da experiência.

A possibilidade de uma descrição da natureza que englobasse tanto a realidade física quanto a psicológica, sem que uma fosse reduzida à outra, requeria um retorno à base arquetípica dos conceitos científicos, na postura que Pauli chamou de “psicologia da das conceituações científicas”.

“.....Meu ponto de partida é o estudo da relação existente entre a construção de conceitos e as percepções sensoriais .Obviamente, a lógica não consegue fornecer, ela mesma, essa ponte. Se o estado previamente existente do conceito é analisado, sempre se encontra idéias que consistem em um conteúdo fortemente emocional. O estágio preliminar do pensamento é uma representação pictórica dessas imagens, cuja origem não pode ser unicamente ou principalmente reconhecida como tendo origem nas percepções sensoriais (do indivíduo em questão), mas que são produzidas por um “ instinto de imaginação”, e são reproduzidas independentemente, isto é, coletivamente, em diferentes indivíduos. (GEISER, pag 204).

Essa concepção leva inexoravelmente o físico para dentro do campo da psicologia, mas Pauli continua:

“...Como eu tomo a física e a psicologia como formas complementares de exame da natureza, estou certo que existe uma maneira igualmente válida, que deve orientar o psicólogo partindo de um ponto anterior (através da investigação dos arquétipos) levando ao mundo da física..”(MEYER, 2001 pag. 180).

II

Pesquisas recentes, perfeitamente executadas de acordo com protocolos científicos tem levantado sérios indícios, por sua vez, de que há uma interação possível homem- máquina,

principalmente depois do desenvolvimento dos computadores. Há resultados estatisticamente significativos de que a intenção, e a emoção, podem afetar os resultados obtidos. As teorizações sobre isso levam a pensar que a interação estabelece uma relação sistêmica que, inclusive, permanece independentemente da distância³.

Já existe uma abordagem, *psicanálise de campo*, que tenta trabalhar e teorizar sobre o fenômeno do “acontecimento” que engloba os dois participantes do *setting* clínico, produzindo como que uma comunicação “de inconsciente para inconsciente”. O termo *campo* é empregado no sentido exato do seu local de origem, a física. A literatura existente é rica em relatos que justificam o pressuposto mencionado.

O autor deste texto, analista reichiano, utiliza este *campo* como ferramenta de trabalho, onde não só atividade onírica em estado de vigília é empregada como fonte de informação, mas também sinais corporais tais como: peristaltismo, sensações corporais diversas, atividade cardíaca, etc.

Uma teorização sobre todos estes trabalhos e observações citados até agora torna inevitável postular uma dimensão topológica *de fato* (não apenas um ente matemático) como expressão da *continuidade* verificada.

Esta continuidade, admitida em função dos trabalhos e experiências acima mencionados, leva a pensar na existência de uma dimensão não cartesiana- newtoniana - Laplaciana como componente da realidade, e de um vetor de pesquisa onde não só matéria- energia sejam primordiais, mas também uma forma (embrionária) de consciência.

¹ Na biologia, o conceito de “gene” parece ser melhor abordado por uma lógica dialética, do que por uma formal aristotélica, mas o espaço que temos não nos permite perseguir esse tema. Ver: SOLHA, G.C.F.; SILVA, E.P. Onde está o lugar do conceito de gene? *In Episteme*, Porto Alegre, n. 19, p. 45-68, jul./dez. 2004.

² O texto “The Einstein affair”, escrito por Reich, descreve o triste episódio da biografia de Einstein (in Mary Boyd Higgins (ed.), *American Odyssey. Letters and journals 1940-1947. Wilhelm Reich*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1999). Nos Arquivos Pauli, organizados postumamente, há uma cópia desse texto de Reich.

³ Ver: The ordering of random events by emotional expression. *Journal of Scientific Exploration*, Vol. 14, No. 2, pp. 195–216, 2000.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, S. **Tres ensayos para una teoria sexual**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981.

MEYER, C.A. **The Pauli/ Jung letters 1932 -1958**. New Jersey: Princeton University Press 2001.

GEISER, S. **Depth psychology and quantum physics**. Wolfgang Pauli’s dialogue with C.G. Jung. Berlin: Springer – Verlag, 2005.

PAULI, W. **Writings on physics and philosophy**. Berlin: Springer –Verlag, 1994.